

Onde canta a sabiá

Departamento de Pesquisa

Afinal, o sabiá fêmea canta ou não canta, eis a questão

A dúvida foi levantada quando o júri escolheu Sabiá, música de Tom Jobim e Chico Buarque de Holanda para o primeiro lugar no Festival da Canção. As críticas surgiram logo que a música foi apresentada. Um ornitólogo protestou, lembrando:

— Sabiá fêmea não canta. Quem canta é o macho.

Dr. Sick, da Seção de Aves do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, confirma esse dado, acrescentando que “com os sabiás acontece justamente o contrário de outros pássaros, pois quem costuma cantar é a fêmea. Mas no caso dos sabiás quem canta mesmo é o macho.” Ele aproveita, inclusive, para fazer um apelo:

— É preciso educar nossas crianças para que não matem mais nossos sabiás. Eles estão se acabando e logo mais ficaremos sem seus cantos...

O cronista Nestor de Holanda conta que até um gramático se manifestou, argumentando em tom professoral:

— Sabiá é epiceno — substantivo que, tendo uma forma gramatical masculina ou feminina, só exprime o sexo por meio das palavras macho e fêmea; escreve-se, porém, na forma masculina, isto é, o sabiá. E o verso que fala em uma sabiá tenta transformar os substantivos, erradamente, em comum-de-dois.

Para o público, pouco importa a questão gramatical. Mas alguns continuam discutindo sobre o assunto. O Ministro Passarinho não quis se envolver. O próprio Deputado Sabiá, de São Paulo, não se pronunciou, nem a favor nem contra.

Indiferentes às críticas e à polêmica, os disc-jóqueis continuam a divulgar a canção. Basta ligar o transistor e você logo ouvirá os versos tão discutidos:

“Vou voltar

Sei que ainda vou voltar

Para o meu lugar, foi lá

E é ainda lá

Que hei de ouvir cantar

Uma sabiá.”

SABIÁ & SABIÁS

Os sabiás, da família dos turdídeos, são os pássaros mais populares do Brasil. São aves de tamanho médio, de plumagem parda ou pardo-avermelhado, com exceção do sabiá-una, que é preto. Seu canto forte e simples é um som característico de todas as regiões do interior. Vive geralmente nas matas, mas segundo os estudiosos não costuma cantar nas palmeiras como fazem os versos de Gonçalves Dias. Arisco, não se adapta bem às gaiolas pequenas que as crianças gostam de colocar nos fundos dos quintais.

Nome de gente, de editôra, de produtos farmacêuticos, de uma peça teatral, o sabiá tornou-se o leit-motiv n.º 1 da inspiração de poetas, músicos e cronistas. Qualquer criança de escola primária conhece os versos de Gonçalves Dias, em Canção do Exílio:

“Minha terra tem palmeiras/ Onde canta o sabiá;/ As aves que aqui gorgiejam,/ Não gorgiejam como lá.”

Casimiro de Abreu, em Primavera, também fala em sabiás:

“Tem (o Brasil) serranias gigantes/ E tem bosques verdejantes/ Que repetem incessantes/ Os cantos do sabiá.”

Rocha Pita lembra em sua História da América Portuguesa que “os bicudos... sabiás, que chamam das praias por andarem sempre nas ribeiras onde só cantam, mais que todos suas.”

Em Trovas Brasileiras, de Afrânio Peixoto, encontramos a seguinte trova:

“Sabiá canta na mata/ Descansa no pau agreste/ Um amor longe do outro/ Não dorme sono que preste.”

Além das poesias, ele é sempre lembrado

nas músicas populares. Quem já não cantou o baião cantado por Carmélia Alves?

“Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho/ voou, voou, voou, voou/ A menina que gostava tanto do bichinho/ chorou, chorou, chorou, chorou/ Sabiá fugiu do terreiro/ Foi cantar lá no abacateiro.”

Pra Machucar meu Coração, samba de Ari Barroso, gravado recentemente por João Gilberto, também tem sabiá:

“Está fazendo um ano e meio, amor/ Que o nosso iar desmocrizou/ Meu sabiá, meu violão/ E uma cruel desilusão/ Foi tudo o que ficou/ Ficou pra machucar meu coração.”

O êxito do carnaval de 1928 foi a emboçada Pinião, do conjunto pernambucano Turunãs da Mauricéia. Os alto-falantes colocados em frente à Galeria Cruzeiro repetiam de instante em instante o estribilho:

“Pinião, pinião, pinião/ Oi! Pinto correu/ Com medo do gavião/ Por isso mesmo sabiá cantô/ Bateu asas e voô/ E foi comê melão.”

Diversas músicas apareceram com o título de Sabiá. Assim temos Sabiá de Hekel Tavares, Sinhô, Jararaca e Vicente Paiva. Luis Gonzaga e Zé Dantas. Sabiá, baião de Luis Gonzaga, diz:

“A todo mundo eu dou psiu/ Perguntando por meu bem/ Tenho meu coração vazio/ Vivo assim a dar psiu/ Sabiá vem cá, meu bem.”

Torquato Neto, inspirando-se no folclore baiano, canta:

“Minha sabiá, minha zabelê/ tôda meia-noite eu sonho com você/ Se você duvida vou sonhar pra você vê/ Minha sabiá, vem me dizer por favor/ O quanto que eu devo amar/ pra nunca morrer de amor.”

Entre outros se destaca também o sabiá-laranjeira, como por exemplo o Sabiá-Laranjeira de Milton Oliveira e Milton Bulhões:

“Sabiá-laranjeira/ Ovi teu cantar bem perto/ Eu sai te procurando/ Mas a noite foi chegando/ Me perdi no deserto.”

Sinhô canta, por sua vez:

“Sabiá/ Chegou na mata/ Assobiou — chiu, chiu/ No melhor da minha vida/ O meu amor fugiu.”

A GRANDE LISTA

Mas quem pensar que exista apenas um tipo de sabiá estará enganado. A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira enumera uma lista comprida de nomes. Assim, temos: “sabiá-branco, de cor cinzento-azeitona, que se encontra no Sul do Brasil; o sabiá-ci, papagaio do Brasil, de acôr verde e cauda azul; o sabiá-cica, papagaio do Brasil, também chamado sabiá-ci; sabiá-coleira, ave de cor branca e castanha, com vistosa coleira branca no pescoço; sabiá-da-lapa, sabiá do Norte e Centro do Brasil, também chamado sabiá-poca; sabiá-da-mata-virgem, pássaro brasileiro, o mesmo que tropeiro; sabiá-da-praia, sabiá de cauda longa, de cor cinzento-chumbo e branca; sabiá-da-restinga, o mesmo que sabiá-da-praia; sabiá-do-campo, o mesmo que sabiá-poca; sabiá-dos-campos, o mesmo que sabiá-poca; sabiá-do-sertão, o mesmo que sabiá-gongá, o mesmo que sabiá-laranjeira; sabiá-guaçu, o mesmo que jacanim; sabiá-laranjeira, sabiá que se distingue das espécies congêneres por ter o peito e a barriga de cor pardo-avermelhada, e é conhecido como um dos melhores pássaros cantores do Brasil; sabiá-piranga, o mesmo que sabiá-laranjeira; sabiá-piri, o mesmo que sabiá-da-praia; sabiá-poca, sabiá de cauda larga, da família dos mirnideos, de cor castanha-acinzentada no dorso, esbranquiçado embaixo, penas externas da cauda com ponta branca; sabiá-una, sabiá da família dos turdídeos, de cor cinzenta, cabeça, asas e cauda pretas, bico e pernas amarelos.”

Um mau comêço

Juvenal Portella

A característica marcante da primeira parte no setor internacional do Festival da Canção foi a má qualidade das composições, particularmente com referência ao comportamento melódico. Dos três festivais, este, pelo que mostrou ontem, deve ser o mais fraco, medindo-se o nível pela frieza com que o público recebeu as 17 canções.

Deve-se fazer, contudo, uma referência a duas peças: a da Alemanha e a dos Estados Unidos, esta realmente portadora de melhores qualidades, como por exemplo a sua estrutura harmônico-melódica e o seu excelente arranjo, possivelmente o melhor de todo o Festival.

RUIII

Tanto para o observador mais atento quanto para o leigo a impressão deixada ontem era uma só: pobreza em quase todos os campos, a partir da temática à vestimenta rítmica, esta prejudicada pela ausência de elementos positivos na armação musical. A lentidão no andamento marcou praticamente 16 das músicas apresentadas, à exceção da norte-americana, mais vibrante, mais rápida e sobretudo mais comunicativa. A letra de Gimbel calcada num romantismo pouco água-com-açúcar conseguiu sobressair-se e a melodia de Riddle, de boa tecitura, pôde superar as demais.

Quanto às outras apenas uma menção à composição alemã, de bons momentos, principalmente no início e meio da canção, e ao trabalho de Paul Anka — Este Mundo Louco — a menos ruim das demais. Esta canção e mais Maria (dos Estados Unidos) e Ilusões (da Alemanha) deverão ser as selecionadas na parte executada ontem. Mas, se o júri pretender incluir outras, só pode escolher O Passaro Que Bateu Asas (da Holanda) e Teu Amor (da Venezuela). Pelo que se viu a representante brasileira — Sabiá — pode ser indicada como favorita neste III Festival Internacional da Canção Popular.

Marzagão desmente que SNI tenha vetado apresentação de Vandré no Maracanãzinho

O diretor-executivo do Festival da Canção, Sr. Augusto Marzagão, desmentiu ontem que a presença de Geraldo Vandré no palco do Maracanãzinho tenha sido "desautorizada pelo SNI", sob a pretensa alegação de que Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres é subversiva.

— Não houve nada disso — garantiu o Sr. Augusto Marzagão — e se Vandré estiver espalhando essa história é porque quer promoção.

SÓ BOATOS, POR ENQUANTO
A Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal afirmou que tudo não passa de boatos criados para dar ao Festival da Canção um cunho político.

O Serviço de Censura informou que do Rio não partiu nenhum veto à apresentação de Geraldo Vandré, segundo colocado na parte nacional do Festival.

veira, vai pedir ao Ministério da Justiça a proibição da música Caminhando, de Geraldo Vandré, por considerar sua letra "ofensiva às Forças Armadas."

O General França revelou que enviará ofício ao Serviço Federal de Censura pedindo que a execução da canção seja proibida em toda a Guanaba-

tival. Segundo um funcionário da Censura, "cada um canta e compõe o que quer; a única coisa que o Governo está atento é aos movimentos paralelos à música — também intitulada Sexta Coluna.

Geraldo Vandré chegou ontem à tarde de São Paulo e não se manifestou a respeito dos boatos. No entanto, seus fãs afirmaram, no Hotel Savoy que estão organizando grupos para cantar Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres no momento em que Cívara e Cibele subirem ao palco do Maracanãzinho, amanhã, para apresentar Sabiá, que a superou na parte nacional e estará representando o Brasil na internacional.

PEDIDO SAIRA

O Secretário de Segurança, General Luís de França Oli-

ra e que todos os discos sejam apreendidos.

O Secretário de Segurança considerou "altamente subversiva" a letra de Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres, principalmente no trecho que ela fala que "nos quartéis se aprende a morrer pela pátria e a viver sem razão."

— Essa música é atentatória à soberania do país, um achincalhe às Forças Armadas, e não deveria nem mesmo ser inscrita. Que isso sirva de advertência aos organizadores de festivais para que não aceitem composições dessa natureza, que são exemplos de declarada subversão — frisou o General Luís de França Oliveira.

Dinah Shore empolgada depõe no Museu do Som

Para a cantora americana Dinah Shore, a interpretação de Geraldo Vandré no Festival foi "simplesmente uma das coisas mais impressionantes que eu já vi."

— Para dizer a verdade, eu não entendia nada do que ele dizia, mas aquele jeito de cantar e a reação do público me deixaram empolgada — e, cá para nós, até um pouco amedrontada.

A cantora, que começou sua carreira num programa de rádio em 1940, cantando junto com Frank Sinatra, gravou seu depoimento ontem no Museu da Imagem e do Som.

INFLUÊNCIA DO "JÁZZ"

— Minha estréia com Frank Sinatra foi uma coisa engraçada: eu não o conhecia, ele não me conhecia, e ninguém conhecia nenhum de nós. Hoje eu tento me lembrar a música que nós cantamos juntos, mas esqueci completamente.

Dinah Shore falou sobre a música americana e sobre a brasileira, dizendo que uma influenciou bastante a outra. A bossa nova, para ela, teve suas raízes melódicas no jazz, mas hoje em dia é difícil dizer qual das duas é mais importante, tal o entrosamento. Os cantores e compositores brasileiros que se

radicaram nos Estados Unidos, em sua opinião, concorreram em grande parte para isso, principalmente João Gilberto e Luís Bonfá.

A SEMELHANÇA

Dina disse que "adorou" a fase nacional do FIC. Além de Vandré, gostou de Sabiá — "aliás, eu adoro o Tom" — principalmente na interpretação de Cívara e Cibele. Pretende gravar, segundo disse, algumas músicas do Festival, e gostaria de gravar "mais umas 15 fora dele." O grande problema, para ela, é a língua, "um bocadinho difícil."

Disse que foi a "um lugar chamado Sucata" e lá viu "Marcos Vale e sua turma." Gostou muito de Vanda Sá, Joice e Milton Nascimento. Dina Shore voltará na próxima semana para seu país, e espera poder levar alguns artistas brasileiros para um programa que está fazendo na televisão.

— Eu sei que, só de festival, levo muito assunto para conversar com todo mundo por lá. Tudo que for do Brasil dá bom assunto. É um povo maravilhoso, esse que reage diante da música como os americanos só fazem em questões de política.